

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Collaborada pelos associados



ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1884.

N. 14.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1884.

A IMMIGRAÇÃO CHINEZA

IV



UANDO as raças humanas demandam um meio, onde possam estabelecer vantajosamente a luta pela existência, não ha forças consentaneas com os sentimentos de humanidade, que sejam sufficientes para conter as suas correntes immigratorias.

E' tão impossivel conter as immigrações, quando ellas são determinadas pelas necessidades do estomago, como impedir que as aguas de um rio caudaloso sigam o seu curso natural.

E', pois, em virtude dos principios determinantes da immigração do homem, de um ponto em que a produção começa a escassear para um outro ponto novo, fertil e saudavel, que não se póde acreditar que uma população, relativamente pequena, como é a brasileira, tenha elementos para resistir, sem correr perigo, a um encontro com os asiaticos.

Se o chim se encaminhar para esta terra, como se encaminhou, em tempo, para os Estados-Unidos, o povo brasileiro ver-se-ha na contingencia de adoptar medidas violentas para escapar da usura asiatica, ou então, ha de consentir que essa raça inferior o subjogue e que lhe ponha embaraços ao desenvolvimento de todas as idéas necessarias á sua evolução.

Os chins não são convenientes á evolução da sociedade brasileira, pela mesma razão porque os judeus não foram convenientes, nos seculos XIV, XV, XVI, á evolução do occidente.

Nem os judeus foram *altruistas*, nem os chins parecem susceptiveis de *altruismo*, e não me consta que alguma dessas raças tenha aspirado a outra cousa, senão á ganancia de enganar áquelles com quem negocia.

Mas, a missão do homem civilisado não é entesourar riquezas fabulosas, enganando os seus semelhantes: a sua missão é mais elevada, isto é, o homem civilisado tem a obrigação moral de contribuir para o bem estar da sociedade que lhe dá protecção e abrigo.

Ora, assim como o judeu não contribuiu para o desenvolvimento socialista do occidente, nos seculos em que apostou explorá-lo, também o chim não contribuirá para que a nação brasileira possa acelerar a sua marcha no caminho do progresso. Por isso, pen-

samos que o Brasil tem tudo a perder com a projectada aquisição de trabalhadores asiaticos.

O Brasil não precisa do homem-machina, puro automato, que em nada concorrerá para o seu adiantamento.

O que o povo brasileiro reclama, instantemente, é uma immigração de homens intelligentes, que venham collaborar com elle no aperfeiçoamento das industrias, nos melhoramentos que a lavoura reclama, e concorrer para que se desenvolva no Brasil o espirito de associação—verdadeiro lapidador dos povos que demandam o pinaculo da civilisação.

O chim, retrahido como é, possuindo uns costumes muito outros que os nossos, acreditando em Confucio, dando ouvidos a superstições immoralissimas e tendo um credo politico muito diverso do nosso, não está apto para satisfazer as aspirações da nossa sociedade.

O chim não póde trazer para o nosso meio a enorme somma de beneficios de que muitos escriptores o julgam possuidor; pelo contrario, elle virá perturbar os nossos costumes e talvez arruinar-nos.

Outro tanto não direi eu da immigração europeá, com a qual teremos tudo a ganhar.

O europeu, pertença a que nacionalidade pertencer, depois que chega a este paiz, torna-se quasi sempre um incansavel obreiro da sua prosperidade, identificando-se, em tudo e por tudo, com os nossos interesses commerciaes, industriaes, artisticos, litterarios e scientificos.

Não quero dizer com isto que todo europeu que aporta ao Brasil, seja um mimo de virtudes civicas, um ideal do homem provecto: a Europa exporta de tudo—bom e máu.

O Brasil tem gasto muito dinheiro com o louvavel intuito de provocar a immigração europeá; porém, até hoje, pouco ou nada tem adiantado nesse sentido, sendo isso devido á negligencia dos estadistas que se têm succedido no governo.

Ou por fatalidade, ou por outro qualquer motivo, que não vem ao caso averiguar agora, os estadistas brasileiros têm tratado sempre como medidas de somenos valia, aquellas que, postas em pratica, seriam de verdadeiro interesse publico.

Para avaliarmos o quanto o Brasil tem sido victima do indifferentismo dos seus estadistas, é bastante dizer-se: não temos liberdade religiosa, não temos uma lei que nacionalise os estrangeiros e não podemos constituir familia, legalmente, sem irmos á igreja, embora a quasi extincta legislação dos concilios, tenha reconhecido o direito que o homem e mulher têm de se associarem civilmente.

Todas estas leis existem por ahi algures, em projectos ou em escriptos de algum livre pensador; porém, nenhum partido politico as quer levar a effeito, porque arreceia-se de ser condemnado á pena de excommunhão maior, pelos *legisladores* de Itú.

E', pois, em virtude destas e de outras *ingenuidades* da politica bairrista, que o Brasil tem de continuar aos trambolhões, no caminho que segue — como aconteceu a Sancho Pança, quando, amarrado á cauda do rocinante de D. Quixote, demandava ilhas, reinos, imperios e castellos de pura imaginação de cavalleiro andante.

Ah! politica! politica! — o quanto és perniciososa aos homens e fatal para as sociedades! Se não fossem os teus descuidos, não correríamos agora o risco de termos uma invasão asiatica.

ANTONIO DE SÁ.

FILHA

QUANDO nasceste, teu pae,
n'um jubiloso transporte,
disse: E's a perola que cae
das alvoradas do norte.

Cresceste! teu rosto bello
tinha taes, tantas doçuras,
que lembraria o modelo
das divinas esculpturas.

Tens a meiguice que inflamma,
e no doce, limpido olhar
meigos brilhos divinaes:

E tua mãe ao ver-te exclama:
— Oh! santa! tens um altar
no coração de teus paes!

ARARY.

Cacetes

A maior epidemia que ha no Rio de Janeiro, aquella que mais horror causa, aquella que todos nós devemos evitar, é sem duvida alguma a epidemia dos *cacetes*.

Sim, caro leitor, devemos evitar o contacto com esses typos que constituem a terrivel epidemia *caceteria*.

Elles, manhosos, como parasitas em troncos de arvores, agarram-se á gente e *caceteam-nos* á grande, sem dó nem piedade.

Têm n'isso um prazer especial.

Do Cajú á Gavea, da Tijuca a Petropolis, de Nictheroy a Jacarepaguá, — está tudo cheio dessa terrivel e infernal praga.

Praga para a qual não ha dynamite de especie alguma que a destrúa.

A qualquer hora do dia ou da noite, encontram-se ás duzias esses espectros, mais terriveis do que os *cadaveres*.

Nos bonds,
Nos passeios,
Nos theatros,
Nas *soirées*.

E até em nossas casas, lá estão *elles*, rentes, á nossa espera, sedentos de *caceteação*.

E muito felizes devemos considerar-nos, quando *elles* não são primos de nossas esposas...

* * *

Cacete!

Palavra que ao pronunciar-se faz afugentar o mais pacato cidadão.

Cacete!

Terror das conferencias, das sessões, e de todos

os lugares em que é permittido *dar á lingua*, sem treguas.

E ha-os aos montes!

De differentes fórmas, tamanhos e idades.

De diversas especies:

Políticos,

Litteratos,

Commerciaes,

Pedagogos,

Criticos,

Philosophos e... por ahi além...

Qualquer acontecimento, dito ou pergunta, serve-lhes de thema para *cacetear*.

E qualquer d'esses *cacetes* desenrolla sobre o seu infeliz ouvinte — victima — uma formidavel fallação, mais ou menos erudita, na qual prova os seus conhecimentos sobre o assumpto e a sua crueldade para com o desventurado proximo.

* * *

Ha guarda-urbano (morcego), guarda-mór, guarda-portão, guarda-chuva ou guarda-sol, guarda-costas — vulgo: *capanga* — e até ha... *guardanapos*.

Mas não ha guarda-cacetes.

Entretanto era preservativo bem necessario, porque o *caceteismo* é uma molestia contagiosa; mesmo muito contagiosa.

Basta a um infeliz vivente, conversar uma vez com um *cacete*, para ficar atacado do mal.

Apanha o microbio da *caceteação*, e a doença desenvolve-se...

Exemplo:

Ia eu, ante-hontem, por ahi afóra, muito socegado, como homem ditoso, que não tem sogra que o apoquente.

De repente, sem eu esperar:

— Adeus amigo, como vaes homem?

Horror! era o meu *amigo* E... *cacete* de marca maior e como tal conhecido e detestado.

— Estou com pressa, respondi; tenho muita dôr de cabeça.

— E' máu! é máu! O tempo não está para graças. Isso provém, talvez, do calor...

« Demais, estas roupas de *casimira* fazem muito mal, mórmente na estação calmosa que atravessamos.

« Isto é um paiz selvagem, onde nem sequer ha irrigação bastante na sua principal cidade; de sorte que esta poeira que se respira, como não conhece o decreto das desaccumulações, accumula-se nos pulmões e d'ahi a tuberculose, a... Mas, espera, estás a fugir? Vou ensinar-te um remedio soberbo para a tua dôr de cabeça. Remedio soberbo, digo bem! Já o ensinei ao conselheiro Ignacio, ao... »

E o tal *amigo* E... lá ficou, sósinho, a nomear as pessoas a quem tinha receitado o seu famoso remedio.

Eu escorreguei, como uma enguia, das garras d'aquelle algoz, mas... vim *cacetear* o leitor.

O culpado é o meu *amigo* E... que me contagiou a molestia.

Não é?

LUCRECIO DE OLIVEIRA.

Dezembro de 1883.

A ALGUEM...

Para alliviar uma magoa, que me desalenta, vou fazer o leitor de meu confidente, escrevendo-lhe estas breves linhas.

Não sei se vivo ou se vegeto.

Sempre fui e sou apologista do bello sexo; vá, portanto, o leitor sabendo que estive loucamente apaixonado. E ainda estou.

E quem não estaria, desde que se collocasse na minha posição? Ninguém.

* * *

M... tinha dezoito annos; era linda como os amores: faces rosadas como o alvorecer de uma primavera; cabellos e olhos pretos, pé pequeno e um corpo de mulher esplendido!

Desde que a vi fiquei simplesmente tolo; a minha cabeça não regulava; não dormia nem comia e estava sempre com a imaginação n'aquella creatura.

Porém... amar e não ser correspondido é triste; mas, quanto a mim era verdade.

Um dia resolvi por termo a tantos dissabores e esperanças que alimentava, sem ter certeza de que seriam realizadas.

Dirigi-me, pois, á casa de seu velho pae—o qual mostrou-se sempre meu amigo dedicado—disposto a pedir a mão d'aquelle ente que tanto preocupava o meu espirito; pedir, emfim, o coração que, naturalmente, devia pertencer-me.

Ao transpor a entrada do jardim da sua pittoresca residencia, encontrei o velho, sentado debaixo de um caramanchão, a saborear um succulento *havana*.

— Oh! seja bem apparecido, bons olhos o vejam—disse-me elle; pretendia mandar-lhe uma carta.

Perguntei assustado:

— Ha alguma novidade?

— Não; é uma cousa muito natural: participo-lhe que minha filha M... casa-se, sabbado, com o Dr. F. Desejava, pois, que honrasse com a sua amavel presença, essa festa de familia.

— !!!

E que tal?...

NORBERTO DE MACEDO.

Janeiro de 1884

EM UMA PRAÇA

O' meninas estrangeiras!...
Que fazeis, lindas, faceiras,
Sosinhas, aqui na praça
A ouvides ás centenas
As palavras obscenas
De toda a gente que passa?...

A gente que vos rodeia
Só tem a perversa idéa
De vos illudir e perder:
Eis a unica sentença
Em esta cidade immensa,
Da malfadada mulher.

Nascestes no Oriente?
Lá nessa terra demente
Onde domina o Sultão?
— Um rei, cuja realza
Vejeta na impureza
Da torpe devassidão!

Quantas vezes já ouvido
Não tereis um atrevido
E malvado seductor,
Convidar-vos, em segredo,
— Desalmado, vil, tredo!—
Da perdição ao horror?!

Miseraveis creaturas!...
Fugistes ás penas duras
Da vossa terra immoral?
— Lá tinheis um Deus profano
Mas soffrieis menos damno
Que n'esta lucta lethal!

Mas emfim, isto acontece,
Onde só se desconhece
A moralidade, as leis!...
— Coitadas... lindas morenas,
Ouvis phrases obscenas
E, sorrindo, vos perdeis!

Dizei-me: Lá na Turquia
A Mafoma se vendia,
Como vós aqui vendeis—
— Um Christo crucificado
Por preço tão desgraçado:
Só por quatrocentos reis?...

No entanto, os fazendeiros,
Homens tão hospitaleiros,
Não tem, sequer, um lugar
Onde esta gente estrangeira
Possa de qualquer maneira
Ser honesta, trabalhar.

Estaes risonhas?... Coitadas!
E não sabeis, desgraçadas,
Os horrores que aqui ha.
Amanhã talvez vendidas
Sereis, e logo mettidas
Na vida corrupta e má.

— E' triste ver sem abrigo
Nadando n'um mar de p'rito,
Esfaimadas, semi-nuas,
Mulheres bellas, formosas,
Córadas como as rosas,
Vagando por essas ruas!...

N'esta terra, a caridade
Não tem dó nem piedade
De quem não tem protecção:
Se quizerdes ter dinheiro
Ide viver no chiqueiro
Da negra depravação!

Rio, Janeiro de 84.

ELEUTHERIO D'AGUIAR.

MELANCOLIA

Só tu no mundo me inspiras,
Só por ti empunho a lyra:
Não sei se o canto é suave,
Se é minh'alma que suspira.

E' como o rio que passa
Em espesso turbilhão:
Ninguém traduz os murmuros
Cortados da viração.

Assim meu canto é confuso:
Jámais no mundo encontrou
Quem lhe desse o sentimento
Que o teu amor inspirou.

Quando d'esta frouxa lyra
O debil som escutares
Deixa-o ir, não o detenhas,
Que se vae perder nos ares.

Não queiras dobrar a dôr
Que punge meu coração:
Deixa só que as aves ouçam
A minha triste canção.

ALVARO BAPTISTA.

Liquidação da minha pasta

Senhores leitores intelligentes...

Digo assim porque só os intelligentes poderão comprehender bem as *mal traçadas regras* de quem, como eu, além de não ser talentoso, não dispõe de tempo bastante para o cultivo das letras... mesmo porque *tempo é dinheiro* e os tempos andam bicudos...

Mas, senhores leitores intelligentes, assim como conversa puxa conversa, liquidação de fim de anno puxa liquidação final: grande queima puxa queima sem rival. A falta de tempo (por via do balanço que requer urgencia), ou por outra: a minha patriarchal indolencia, puxou-me tambem pela bossa da velhacaria, de maneira que arranjei, sem ter de pensar agora, o meio de satisfazer o compromisso que tenho, mensal, de concorrer com o meu contingente *nucario*... etc. para a publicação desta pobre *Revista*, que geme, doze vezes por anno, ao peso das minhas crueis cacetadas; coitada!

E este meio é fazer uma limpeza geral na minha pasta, atirando para aqui, para estas columnas, com um punhado de coisinhas enforma de versos, etc., apresentando aos leitores intelligentes... e aos outros tambem, o seguinte rotulo—como aquelle letreiro da Cidade Nova, que dizia: *Grande almazem de seccos e molhados, com toucinho e paraty*: — « Grande queima final de fim de anno, na minha pasta! »

« Não sae leitor sem verso e leitoras tambem. Leiam só e curvem-se ante a variedade do

SORTIMENTO:

Quando tu danças — eu toco,
Quando tu tocas — eu danço:
E um suspiro soffoco
Quando tu danças — eu toco.
Quando me fallas de manso...
Eu fico tonto, no *ganso*...
Quando tu danças — eu toco,
Quando tu tocas — eu danço!

Quando eu muito te queria
Tu não gostavas de mim.
Agora que não te quero
Morres por mim, Serafim!

Não tenho eira nem beira,
Nem aonde cair morto :
— Nem um *negro de pé torto* !
— Nem um vintém n'algibeira !

Por m'inspirar em você
Já pensas, pois, que te amo ?
Não vê, morena, não vê :
Não sou Juquinha... não mamô

Vêr-se a menina vadia,
Pela manhã muito cedo
Lendo a *Gazeta*, faz medo :
E' baile certo, é *folia* ! !

Na tua trança ondnlante
Porque me prendes, oh ! linda,
Com teu olhar fascinante,
Na tua trança ondulante ? !
E quando a tarde se finda
Porque me prendes ainda
Na tua trança ondulante,
Porque me prendes oh ! linda !..

Cabocla, quando eu te vejo,
Soltos ao vento os cabellos,
Suspiro e, louco, desejo
Ser o teu grampo, prendel-os !

Dos vagalumes o lume,
Como as estrellas, no campo,
E' muito menos que o lume
Do teu olhar de relampo !

Quando tu fallas — suspiro.
Quando caminhas — reparo !...
Quando beijar-te eu aspiro
Vem teu papá — eu disparo ! !

Eu não te amo, morena,
Como tu pensas ; por isso,
Não faças tanto derriço,
Não faças, não vale a pena.

Vi-a no lyrico e ella tambem me viu.
Era bella, meu Deus ! mas que belleza !
E eu, desgraçado, que até devo ao *Diôgo*
E não herdei um real da natureza !...

Meu coração é negocio
Lá do sertão de Goyaz :
Tem sortimento, o beccio,
E nem um *cobre* elle faz !

Furtei-te o lenço, é peccado ?
O lenço branco, o que tem ?
Perdôa meu anjo amado...
Furtei-te o lenço, é peccado ?
Si zangas, linda, meu bem,
Furto os teus olhos tambem !
Furtei-te o lenço, é peccado ?
O lenço branco, o que tem ?

Si choras, si tens desejos
De obtel-o outra vez,
Apita por entre beijos,
Si choras, si tens desejos ;
E, se tua trança é *xadrez*,
Vou preso por mais d'um mez,
Si choras, si tens desejos
De obtel-o outra vez.

Seu Chico, mence mi leva
Nos « Alumno di Minerva » ?
— *Qui é qué diz, sá Julieta !*
Lá só vai é *gentes* rica...
— Ora, vai o *Lulú cá Marica*
Já vê *mence* qu'isso é pêta !

A. ONACIREMA.

Um juramento fatal

(Continuação)

— Sim, Trafaria, eu é que tenho cá os meus receios e tenho razão para os ter ; deves saber que este navio acha-se confiado á minha pessoa, e todo e qualquer contratempo pôde trazer o meu descredito e a minha deshonra.

— Descance, que nada d'isto nos ha de acontecer, dizia Trafaria.

— São horas de entregar o *quarto* ao piloto ; vou me deitar ; vem cá á camara Trafaria.

Momentos depois, tomava conta do *quarto* o 1º piloto ; o capitão e o Trafaria desceram á camara e foram examinar com attenção um mappa que se achava sobre a mesa.

— Ora veja, disse o Trafaria, apontando, estamos aqui ; de hoje a dois dias passaremos a barlavento das Ilhas ; eu não me enganava.

— Deus permitia que os teus calculos sejam certos, ou que, pelo menos, se realise parte delles.

A viagem corria *ds mil maravilhas*, e Trafaria, esfregando as mãos de contente que estava, disse para Alberto :

— Estamos aqui, estamos em Lisboa ; e neste andar somos capazes de entrar ainda esta semana.

— Eu desconfio sempre, replicou Alberto, das viagens completamente felizes, como esta vai sendo. Não havendo, sequer, um *salseiro* para desenvolver os musculos, fico de prevenção para o fim ; por isso não canto victoria

Olha, Trafaria, repara para aquellas nuvens e vê lá si se pôde ter demasiada confiança nesta viagem. O barometro indica mau tempo e *aquillo* não falla.

— E' verdade, respondeu o velho ; eu mesmo já desconfiei do tempo, e não é bom facilitar, pois que o *diabo*, uma hora está bom e outra hora está que não se pôde supportar. E será uma de seiscentos raios se agora, quasi no fim, apanhamos alguma *rebordosa* que nos faça andar n'um *baileo*.

— Pelo menos, terminou Alberto, eu tenho essa desconfiança...

— O jantar está na mesa!—bradou o moço da camara.

— Vamos a elle, mas depois com a barriga cheia, caso haja *salseiro*, vae-se mais depressa para o fundo, disse o Trafaria em ar de chacota.

A' mesa um dos pilotos manifestou a mesma opinião do capitão, e até ia mais longe. Dizia que iam ter tão mau tempo, que seria necessario muito cuidado e perseverança na execução das manobras e força na voz do commando.

— Isso fica por minha conta, replicou o Trafaria.

Não obstante estes receios, a viagem ia correndo regularmente ; de sorte que, quatro dias depois, rompeu o grito de:—Terra pela prôa !

Effectivamente, divisava-se, ainda que muito ao longe, o *Cabo Raso*..

Trabalhou-se então com vontade, de modo que tudo ficasse em ordem ; estendeu-se no convéz a corrente de ferro, prompta para servir á primeira voz.

Mas, do meio dia em diante, o tempo começou a mudar ; o vento acalmou e uma especie de neblina estendeu-se no vasto oceano.

De repente agitou-se o mar, soprou com violencia o sudoeste, acompanhado de uma carga d'agua.

(Continua).

INNOCENCIO CRUZ.

ERRATA

Se fossemos supersticiosos acreditaríamos que o numero 13 é, realmente, fatidico, pois a nossa *Revista* de Dezembro, que tem esse numero, está com alguns erros de revisão. Entre elles apontamos os seguintes : Na poesia com o titulo *Cahir* (3 sextilha, 5º verso) onde se lê : — Murcha a flor da mocidade — leia-se : — Murcha a flor da virgindade.

Na poesia *Marolas* (1ª quadra 4º verso) onde se lê : — Mas leva as petalas da rosa — leia-se : — Mas leva as petalas da rosa.

Na mesma poesia deve supprimir-se a virgula que está no 4º verso da ultima quadra.

Os leitores intelligentes e magnanimos corrigirão os outros erros.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.